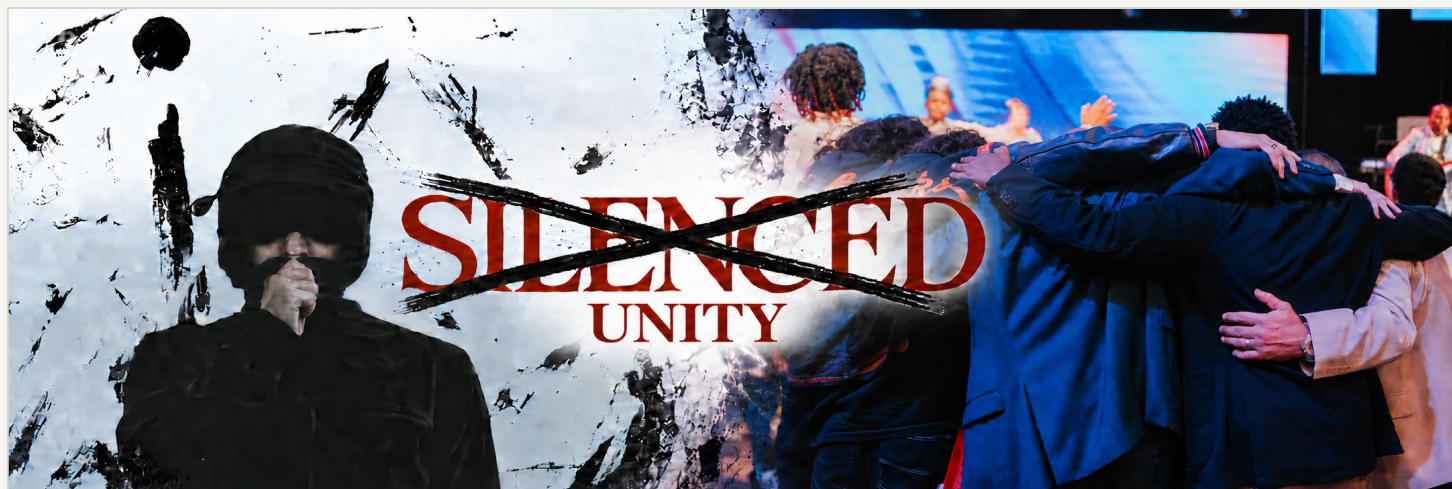




SÉRIE DE ESTUDOS BÍBLICOS • PARTE QUATRO

SILENCED



Um Estudo Bíblico Sobre uma Voz Curada e uma Casa Unificada

SILENCED

— MATEUS 12:25 —

Curando a Voz, Guardando a Casa, e Permanecendo Unidos Contra a Divisão



PARTE UM

A Unidade É Resistência Espiritual

01

Mateus 12 nos apresenta um homem cuja vida havia sido dominada pela escravidão espiritual. Ele estava endemoninhado, cego e não conseguia falar. Sua visão lhe havia sido tirada, sua voz havia sido silenciada, e ele não conseguia se libertar daquilo que havia tomado o controle de sua vida.

Então Jesus entrou na situação.

Depois disso, levaram-lhe um endemoninhado que era cego e mudo, e Jesus o curou, de modo que ele pôde falar e ver.

Mateus 12:22, NVI

Em um único momento, Jesus restaurou o que o inimigo havia tirado. Os olhos que estavam fechados foram abertos. A boca que estava silenciosa começou a falar. O homem que havia sido controlado pela escravidão experimentou a autoridade libertadora de Jesus Cristo.

A multidão reconheceu imediatamente que algo extraordinário havia acontecido. Ficaram maravilhados e começaram a perguntar se Jesus poderia ser o prometido Filho de Davi. O milagre os apontava para a identidade e a autoridade de Cristo.

Mas os fariseus reagiram de forma diferente.

Quando, porém, os fariseus ouviram isso, disseram: — É somente por Belzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa demônios.

Mateus 12:24, NVI

Eles não podiam negar que o homem havia sido curado. A evidência estava diante deles. Um homem que fora cego agora podia ver. Um homem que fora incapaz de falar agora tinha voz. Como os fariseus não podiam negar o milagre, tentaram corromper o seu significado.

Eles chamaram a obra de Deus de obra do diabo.

É aqui que a passagem se torna mais profunda do que a libertação de um único homem. O homem havia sido preso, mas o ambiente havia se tornado dividido. Uma pessoa havia sido silenciada pela opressão, enquanto outras usavam suas vozes para acusar. O homem não conseguia falar, mas os fariseus conseguiam — e as palavras deles resistiam à própria restauração que Jesus havia realizado.

O milagre revelou a autoridade de Cristo. A reação revelou a condição do coração.

Jesus Expôs o Perigo Mais Profundo

Os fariseus atacaram a fonte do milagre. Eles questionaram a autoridade de Jesus e tentaram fazer com que uma libertação genuína parecesse suspeita. Jesus poderia ter respondido defendendo sua reputação. Ele poderia ter listado as evidências de seu ministério ou exposto a hipocrisia de seus acusadores.

Em vez disso, Ele tratou imediatamente da divisão.

Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá.

Mateus 12:25, NVI

Jesus revelou um princípio espiritual que se aplica a reinos, cidades, igrejas, famílias, casamentos, ministérios e corações individuais: tudo o que luta continuamente contra si mesmo acabará perdendo a força para permanecer de pé.

Uma casa nem sempre desmorona porque foi atacada de fora. Às vezes ela desmorona porque forças opostas foram permitidas a operar dentro dela.

O inimigo entende esse princípio. Se ele não pode destruir uma casa por meio de ataque direto, ele tentará enfraquecê-la por meio de divisão interna. Se ele não pode fazer com que todos abandonem o propósito de Deus, ele os incentivará a lutar por personalidades, preferências, posições, decepções e ofensas até que o propósito compartilhado seja esquecido.

Ele não precisa silenciar todas as vozes se puder fazer com que as vozes falem umas contra as outras.

Ele não precisa impedir toda oração se puder transformar a oração em crítica disfarçada.

Ele não precisa remover todo dom se puder fazer com que pessoas dotadas compitam em vez de cooperar.

Ele não precisa destruir todo relacionamento se puder preenchê-lo de suspeita.

Ele não precisa tirar todos de dentro da casa se puder corromper a atmosfera dentro dela.

A divisão se torna uma das armas mais eficazes do inimigo porque convence pessoas que deveriam estar lutando juntas a começar a lutar umas contra as outras.

Divisão É Mais do Que Discordância

Unidade não significa que todos terão a mesma opinião, personalidade, formação, preferência ou método. As Escrituras nunca apresentam a unidade como a eliminação da individualidade. O corpo de Cristo é composto por membros diferentes com funções diferentes, mas todo membro deve operar sob a direção de uma única Cabeça.

A discordância se torna divisão quando nossas diferenças começam a governar nosso coração mais do que nossa submissão compartilhada a Jesus.

Divisão não é simplesmente a presença de opiniões diferentes. É o desenvolvimento de um espírito adversário. Ela começa quando deixamos de ver outra pessoa como alguém para amar, proteger, restaurar e orar, e passamos a vê-la principalmente como um oponente a ser derrotado.

Nesse ponto, o propósito da conversa muda. Não estamos mais buscando entendimento; estamos coletando evidências. Não estamos mais ouvindo o coração; estamos esperando outra oportunidade para provar nosso ponto de vista. Não estamos mais protegendo o relacionamento; estamos protegendo nosso orgulho.

É por isso que uma pessoa pode estar certa quanto aos fatos e ainda assim estar errada em espírito.

A verdade dita sem amor pode se tornar uma arma. A correção oferecida sem humildade pode se tornar condenação. O discernimento separado da misericórdia pode se tornar suspeita. Uma preocupação legítima pode se tornar a linguagem por meio da qual a ofensa recebe permissão para falar.

A pergunta não é apenas: “O que estou dizendo é verdade?”

Também devemos perguntar: “Que espírito está usando minha voz, e o que minha voz está tentando produzir?”

Está produzindo arrependimento ou humilhação?

Está criando clareza ou confusão?

Está protegendo a casa ou enfraquecendo seu alicerce?

Está conduzindo pessoas a Jesus ou apenas construindo um caso contra elas?

O objetivo é restauração, ou o objetivo é vitória sobre outra pessoa?

Os fariseus falavam sobre coisas espirituais, mas suas palavras não estavam alinhadas com o coração de Deus. Eles possuíam vocabulário religioso enquanto resistiam à restauração divina. Sua linguagem soava perspicaz, mas seu fruto era acusação e divisão.

O Inimigo Pode Corromper o Que Não Consegue Silenciar

O homem em Mateus 12 não tinha voz. Os fariseus tinham vozes, mas essas vozes haviam se tornado instrumentos de acusação.

Isso revela outra dimensão da estratégia do inimigo. Se ele não pode silenciar completamente nossas vozes, ele tentará corromper a forma como as usamos.

Uma voz corrompida ainda pode orar, mas suas orações relembram constantemente as falhas de outras pessoas.

Ela ainda pode falar sobre santidade, mas sem compaixão por aqueles que precisam de restauração.

Ela ainda pode defender a verdade, mas com um espírito que gosta de expor e humilhar os outros.

Ela ainda pode reivindicar discernimento, mas interpreta tudo por meio da suspeita.

Ela ainda pode falar na linguagem da preocupação, mas seu real propósito é reunir concordância contra outra pessoa.

O inimigo nem sempre precisa remover nosso som. Às vezes ele só precisa redirecioná-lo.

Uma voz criada para adorar começa a reclamar.

Uma voz criada para interceder começa a acusar.

Uma voz criada para abençoar começa a amaldiçoar.

Uma voz criada para fortalecer a casa começa a enfraquecer a confiança.

Uma voz criada para declarar a fidelidade de Deus começa a ampliar todo motivo pelo qual o futuro não pode mudar.

É por isso que precisamos de mais do que a recuperação de nossas vozes. Precisamos da cura de nossas vozes.

Precisamos que Jesus cure os motivos por trás de nossas palavras, as feridas por trás de nosso tom, e as ofensas por trás de nossa interpretação dos outros. Precisamos que Ele examine não apenas o que dizemos publicamente, mas o que repetimos em particular — as conversas realizadas à mesa, no carro, por mensagens, atrás de portas fechadas e dentro de nossa própria mente.

Uma voz restaurada pode produzir som.

Uma voz curada fala sob o governo do Espírito Santo.

A Divisão Começa no Coração Antes de Entrar na Casa

É fácil reconhecer a divisão em uma nação, uma igreja, uma família ou outra pessoa. É mais difícil reconhecer o início da divisão dentro de nós mesmos.

Jesus conhecia os pensamentos dos fariseus antes de responder às palavras deles. A acusação deles começou internamente antes de ser expressa publicamente. Algo já havia se dividido dentro de seus corações. Eles estavam diante de uma restauração inegável, mas não conseguiam se alegrar porque o milagre ameaçava sua posição, sua interpretação e seu controle.

O mesmo perigo existe dentro de nós.

Podemos falar sobre um mundo dividido enquanto ignoramos um coração dividido.

Podemos orar pela unidade da igreja enquanto preservamos ofensas particulares.

Podemos desejar paz em nossas famílias enquanto relembramos continuamente tudo o que outra pessoa fez de errado.

Podemos pedir a Deus que cure um relacionamento enquanto secretamente exigimos que Ele prove que estávamos certos.

Podemos adorar publicamente enquanto permitimos que o ressentimento interprete alguém em particular.

Tiago expõe as consequências espirituais dessa condição:

Pois, onde há inveja e ambição egoísta, há confusão e toda espécie de males.

Tiago 3:16, NVI

A contenda cria uma atmosfera em que a confusão e obras destrutivas podem se multiplicar. Uma vez que a suspeita se torna a lente normal por meio da qual interpretamos outra pessoa, até ações sinceras parecem ameaçadoras. A bondade parece manipuladora. A correção parece rejeição. O silêncio é interpretado como hostilidade. O sucesso produz inveja. A fraqueza se torna evidência para condenação.

Com o tempo, deixamos de responder ao que a pessoa realmente disse ou fez. Passamos a responder à história que a ofensa nos ensinou a acreditar sobre ela.

É assim que a divisão toma território.

Primeiro ela divide o coração. Depois corrompe a percepção. Por fim, recruta a voz.

A Unidade Começa Com a Entrega Pessoal

A unidade não começa quando todos os outros mudam. Ela começa quando eu me entrego a Jesus Cristo.

Não apenas minha voz pública.

Não apenas a voz que uso na oração ou na adoração.

Minha voz ofendida.

Minha voz exausta.

Minha voz decepcionada.

Minha voz defensiva.

Minha voz particular.

Minha voz interior — aquela que repetidamente interpreta motivos, relembra feridas e imagina conversas futuras.

Antes de pedir a Deus que corrija todos ao nosso redor, precisamos permitir que Ele examine o que está operando dentro de nós. Precisamos perguntar se a dor se tornou permissão para ferir, se a decepção se tornou suspeita, e se nosso desejo de ser compreendidos se tornou mais importante do que nosso chamado para compreender.

Paulo escreveu:

Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.

Efébios 4:3, NVI

A expressão “façam todo o esforço” revela que a unidade precisa ser protegida intencionalmente. A unidade não se preserva sozinha. Ela requer maturidade espiritual, humildade, paciência, perdão, verdade e contínua submissão ao Espírito Santo.

Sempre haverá oportunidades para nos ofendermos. Sempre haverá pessoas imperfeitas dentro das famílias e das igrejas. Sempre haverá diferenças que exigem sabedoria e conversas que exigem coragem.

A resistência espiritual começa quando nos recusamos a permitir que essas realidades coloquem nossas vozes a serviço da divisão.

Às vezes a guerra é repreender os poderes das trevas.

Às vezes a guerra é recusar-se a repetir uma acusação.

Às vezes a guerra é permanecer em silêncio até que nosso espírito esteja correto.

Às vezes a guerra é orar pela pessoa que somos tentados a criticar.

Às vezes a guerra é corrigir alguém sem rejeitá-lo.

Às vezes a guerra é pedir desculpas sem nos defender.

Às vezes a guerra é recusar-se a deixar que a ofensa de outra pessoa se torne nossa ofensa.

Às vezes a guerra é proteger a atmosfera da casa mesmo quando possuímos informações suficientes para prejudicar a reputação de alguém.

A unidade é resistência espiritual porque cada vez que escolhemos humildade em vez de orgulho, intercessão em vez de acusação, restauração em vez de condenação, e propósito compartilhado em vez de controle pessoal, negamos ao inimigo mais um lugar de onde operar.

A Unidade Não Exige o Abandono da Verdade

A unidade bíblica não é fingir que tudo está saudável quando não está. Ela não ignora o pecado, não desculpa a manipulação, não tolera o abuso, nem exige que pessoas permaneçam em situações inseguras. Unidade não é paz falsa, conformidade forçada ou silêncio diante da injustiça.

A mesma Bíblia que ordena a unidade também ordena correção, prestação de contas, sabedoria e verdade.

Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês que são espirituais devem restaurá-lo com espírito de mansidão.

Gálatas 6:1, NVI

Observe o propósito da correção espiritual: restauração.

O versículo não diz para ignorar a falha. Ele não minimiza o pecado nem remove a responsabilidade. Mas ordena que aqueles que tratam da falha o façam com espírito de mansidão. A condição da pessoa que oferece a correção importa tanto quanto a própria correção.

O espírito de acusação aponta para uma ferida e diz: “Você sempre será assim.”

O Espírito de restauração revela a ferida e diz: “Jesus deseja te tornar íntegro.”

A acusação usa o passado para aprisionar a identidade.

A restauração confronta o passado enquanto abre um caminho para o arrependimento e a transformação.

A acusação expõe para envergonhar.

A restauração traz a verdade à luz para que a cura possa começar.

A acusação busca uma plateia.

A restauração busca redenção.

Podemos confrontar o que está errado sem nos tornarmos acusadores uns dos outros. Podemos estabelecer limites sem permitir que a amargura nos governe. Podemos proteger pessoas vulneráveis sem entregar nosso coração ao ódio. Podemos dizer a verdade e ainda preservar o desejo de que Deus redima todos os envolvidos.

A unidade não exige que chamemos as trevas de luz. Ela exige que confrontemos as trevas sem permitir que as trevas se reproduzam dentro de nós.

Nossas Vozes Ajudarão a Casa a Permanecer de Pé ou Farão Parte de Sua Desolação

Jesus disse que uma casa dividida não pode permanecer de pé. Isso significa que nossas palavras nunca são espiritualmente insignificantes. Toda acusação repetida, toda ofensa não resolvida, toda conversa que prejudica a confiança e toda suspeita que espalhamos coloca pressão adicional sobre a casa.

O oposto também é verdadeiro.

Toda oração sincera fortalece a casa.

Toda conversa verdadeira realizada em amor fortalece a casa.

Todo pedido de desculpas fortalece a casa.

Todo ato de perdão fortalece a casa.

Toda recusa em participar de fofoca fortalece a casa.

Toda vez que falamos esperança sobre a história inacabada de alguém, fortalecemos a casa.

Toda vez que escolhemos o propósito em vez da posição, fortalecemos a casa.

Toda vez que protegemos a dignidade de outra pessoa enquanto a ajudamos a confrontar o que está errado, fortalecemos a casa.

A pergunta não é se nossas vozes têm influência. A pergunta é que tipo de influência elas estão carregando.

Precisamos decidir que nossa boca não se tornará instrumento de acusação. Não permitiremos que nossas palavras se tornem combustível para a divisão. Não permitiremos que nosso tom destrua o que Jesus está tentando curar. Não falaremos morte sobre uma casa que Deus deseja libertar.

Não amaldiçoaremos aquilo que fomos chamados a proteger.

Isso não significa que nunca teremos conversas difíceis. Significa que nossas conversas difíceis permanecerão submissas ao propósito de Cristo. Falaremos a verdade, mas a falaremos com a esperança da restauração. Confrontaremos o pecado, mas nos lembraremos de que a pessoa diante de nós é alguém por quem Jesus morreu.

O inimigo deseja dividir a casa para que ela não possa permanecer de pé.

Jesus deseja curar as vozes dentro da casa para que possam concordar com Seu propósito redentor.

É por isso que a unidade é mais do que harmonia relacional. É resistência espiritual.

Quando nos recusamos a acusar, o inimigo perde uma voz.

Quando liberamos a ofensa, o inimigo perde território.

Quando oramos uns pelos outros, o isolamento perde seu poder.

Quando escolhemos a restauração, a divisão perde sua autoridade.

Quando nossas diferentes vozes se submetem a um único propósito piedoso, a casa se torna mais forte do que a estratégia enviada contra ela.

A unidade não é a ausência de problemas. É a decisão espiritual de que nossos problemas não nos transformarão em inimigos. Confrontaremos o que está errado, protegeremos o que é sagrado e permaneceremos submissos ao propósito restaurador de Jesus Cristo.

REFLEXÃO PESSOAL E ESPIRITUAL

- Tenho estado mais comprometido em vencer uma discussão do que em proteger a saúde espiritual do relacionamento?
- Existe alguém cujas ações eu agora interpreto quase inteiramente através da suspeita ou da ofensa?
- Já chamei algo de “discernimento” quando talvez fosse decepção vestida de linguagem religiosa?
- Quando falo sobre a fraqueza de outra pessoa, meu objetivo é restauração, alerta, autoproteção, justificação ou humilhação?
- O que minha voz particular tem dito, que minha adoração pública tenta esconder?
- Minhas palavras têm fortalecido a atmosfera do meu lar ou tornado a casa mais difícil de habitar?
- Existe alguma acusação que preciso parar de repetir?
- Existe alguma verdade difícil que preciso falar com maior humildade, sabedoria e amor?
- Que preferência pessoal, ferida ou desejo de controle se tornou mais importante do que nosso propósito compartilhado?
- O que significaria, para mim, praticar a unidade como resistência espiritual nesta semana?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

DECLARAÇÃO

Não permitirei que minha boca se torne um instrumento de acusação.

Não deixarei que a ofensa fale por mim.

Não usarei a verdade como permissão para ferir.

Não repetirei palavras que fortalecem a divisão.

Orarei antes de criticar, ouvirei antes de julgar, e examinarei meu próprio espírito antes de corrigir outra pessoa.

Falarei a verdade com amor, confrontarei o que está errado com humildade, e buscarei a restauração onde quer que a restauração seja possível.

Não amaldiçoarei aquilo que Deus me chamou a proteger.

Minha voz ajudará a casa a permanecer de pé.

Em nome de Jesus, amém.

PARTE DOIS

Eu Não Preciso Apenas da Minha Voz de Volta — Preciso da Minha Voz Curada

02

O milagre registrado em Mateus 12 restaurou a capacidade de fala do homem. A boca que estava silenciosa foi aberta, e a voz que a escravidão havia tirado dele voltou. No entanto, na mesma passagem, encontramos outro grupo de pessoas que nunca haviam perdido sua capacidade física de falar. Os fariseus possuíam vozes fortes. Eram instruídos, respeitados, influentes religiosamente, e acostumados a falar com autoridade. Conheciam a linguagem das Escrituras e se consideravam qualificados para interpretar eventos espirituais. No entanto, quando Jesus libertou um homem sofredor, eles usaram suas vozes para acusar.

Quando, porém, os fariseus ouviram isso, disseram: — É somente por Belzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa demônios.

Mateus 12:24, NVI

Os fariseus não podiam negar que algo sobrenatural havia acontecido. Um homem que fora cego agora podia ver, e um homem que fora incapaz de falar agora tinha voz. A evidência da transformação estava diante deles. Como não podiam negar o milagre, tentaram corromper o seu significado. Atribuíram a obra de Deus ao poder do diabo e usaram linguagem religiosa para fazer com que uma libertação genuína parecesse suspeita.

Isso revela uma verdade preocupante: possuir uma voz não significa que nossa voz seja saudável. Podemos falar com clareza e ainda assim falar de forma destrutiva. Podemos usar vocabulário bíblico enquanto carregamos um espírito que não é bíblico. Podemos dizer algo factualmente correto enquanto permitimos que ofensa, ciúme, medo, orgulho, decepção ou insegurança determinem por que e como dizemos.

O homem precisava ter sua voz restaurada, mas os fariseus precisavam ter suas vozes curadas.

Existe uma diferença importante entre recuperar nossa capacidade de falar e entregar nossa fala ao senhorio de Jesus Cristo. Uma voz restaurada pode produzir som novamente, mas uma voz curada fala em concordância com o caráter e o propósito de Deus. Não precisamos apenas de vozes mais altas, mais confiança, ou mais oportunidades para expressar nossas opiniões. Precisamos de vozes santificadas — vozes cujos motivos, tempo, tom e propósito tenham sido trazidos sob o governo do Espírito Santo.

É por isso que a declaração do pregador carrega tanto peso: “Eu não preciso apenas da minha voz de volta. Eu preciso da minha voz curada.”

Nossas Vozes Estão Reunindo ou Espalhando

Imediatamente após ensinar que uma casa dividida não pode permanecer de pé, Jesus fez outra declaração poderosa:

Aquele que não está comigo está contra mim, e aquele que comigo não ajunta espalha.

Mateus 12:30, NVI

Jesus revela dois movimentos espirituais opostos: reunir e espalhar. O ministério de Jesus reúne o que o pecado, a vergonha, a escravidão e a decepção espalharam. Ele reconcilia pessoas com Deus, restaura os que foram quebrantados, chama os pródigos de volta para casa, e traz pessoas isoladas de volta à comunidade espiritual. Ele toma vidas que foram fragmentadas e começa a torná-las inteiras.

O inimigo se move na direção oposta. Sua obra espalha. Ele separa pessoas de Deus, isola crentes feridos, divide relacionamentos, transforma diferenças em hostilidade, e usa experiências dolorosas para criar suspeita. Ele entende que o isolamento torna as pessoas vulneráveis. Quando alguém se torna desconectado da verdade, da oração, da autoridade espiritual e de relacionamentos saudáveis, o engano se torna mais fácil de sustentar.

Nossas vozes participam de um desses dois movimentos. Por meio do que dizemos, da forma como dizemos, e das pessoas a quem dizemos, estamos ajudando a reunir o que Jesus deseja restaurar ou ajudando a espalhar o que Ele deseja unir.

Isso não significa que toda palavra forte seja destrutiva. Jesus corrigiu, repreendeu, advertiu e confrontou. As Escrituras nunca ensinam que o amor exige a ausência de conversas difíceis. Há momentos em que a verdade precisa ser dita claramente, o pecado precisa ser confrontado, o comportamento prejudicial precisa ser exposto, e pessoas vulneráveis precisam ser protegidas. No entanto, mesmo as palavras mais fortes de Jesus eram governadas pela verdade divina e por um propósito redentor. Ele nunca confrontou alguém porque seu orgulho havia sido ferido. Ele nunca expôs o pecado para entreter uma plateia, reunir apoiadores, ou provar sua superioridade.

Portanto, a pergunta mais profunda não é apenas se nossas palavras soam gentis ou fortes. Precisamos perguntar se elas estão reunindo ou espalhando. Nossas palavras estão conduzindo alguém ao arrependimento, ou estão empurrando essa pessoa mais fundo na vergonha? Estão criando clareza ou aumentando a confusão? Estão protegendo pessoas ou apenas defendendo nossa posição? Estão fortalecendo a confiança ou ensinando outros a se tornarem suspeitosos? Estão ajudando uma pessoa ferida a vir à luz, ou estão fazendo com que a honestidade pareça perigosa?

Nossas palavras podem soar espirituais, mas seu fruto revela o espírito que as governa.

O Acusador e o Intercessor

As Escrituras revelam dois ministérios espirituais opostos. Satanás é identificado como o acusador dos irmãos, enquanto Jesus é revelado como Aquele que continuamente intercede por nós.

Foi lançado fora o acusador dos nossos irmãos, que os acusa diante do nosso Deus de dia e de noite.

Apocalipse 12:10, NVI

Foi Cristo Jesus que morreu; e mais, que ressuscitou. Ele está à direita de Deus e também intercede por nós.

Romanos 8:34, NVI

O acusador fala continuamente contra as pessoas. O Intercessor se coloca diante de Deus em favor das pessoas. O acusador identifica a falha para condenar, enquanto o Intercessor confronta o pecado ao mesmo tempo em que oferece um caminho para a misericórdia, o arrependimento e a transformação. O acusador lembra as pessoas de seus piores momentos e tenta fazer com que esses momentos se tornem sua identidade permanente. Jesus aponta para o Seu sangue e declara que a redenção pode escrever uma nova história.

Isso cria uma pergunta séria para todo crente: A qual ministério minha voz se assemelha?

Quando alguém cai, meu primeiro desejo é contar aos outros, ou é orar? Quando reconheço uma fraqueza, eu construo um caso contra a pessoa, ou carrego um fardo por sua restauração? Quando alguém me fere, eu peço a Deus que cure o que foi danificado, ou procuro pessoas que confirmem tudo o que já decidi acreditar sobre ela? Quando outro crente prospera, sou capaz de me alegrar, ou imediatamente fico suspeito de suas motivações? Quando Deus se move de uma maneira que não me é familiar, eu testo isso humildemente segundo as Escrituras, ou critico o que não entendo?

Nossas vozes ecoarão o acusador ou se alinharão com o Intercessor.

Interceder não significa fingir que o pecado é inofensivo. Jesus não intercede por nós negando a seriedade de nossa condição. Ele intercede com base em Seu sacrifício, e a cruz demonstra tanto a gravidade do pecado quanto a abundância da misericórdia divina. Uma voz curada aprende a manter essas verdades juntas. Ela pode reconhecer o que está errado sem declarar que o que está errado está além da redenção. Ela pode reconhecer a profundidade de uma ferida e ainda assim acreditar no poder de Jesus para curar.

O espírito de acusação, porém, não quer apenas que o comportamento pecaminoso seja corrigido. Ele quer que a pessoa seja permanentemente identificada por aquele comportamento. Mesmo depois do arrependimento, a acusação continua lembrando o passado. Mesmo depois do perdão, ela continua apresentando evidências antigas. Mesmo depois que Deus começa a restaurar alguém, a acusação insiste que essa pessoa nunca deve ser vista como mais do que aquilo que uma vez fez.

O acusador constrói um caso; o intercessor carrega um fardo. O acusador anuncia repetidamente o que a pessoa fez; o intercessor pergunta o que Jesus ainda deseja fazer. O acusador fala como se a falha tivesse a palavra final; o intercessor se lembra de que Cristo ainda está escrevendo a história.

Quando a Acusação Se Disfarça de Discernimento

Os fariseus não se apresentaram como pessoas maliciosas tentando dividir a multidão. Eles apresentaram sua acusação como análise espiritual. Alegavam entender o poder que operava por trás do milagre. Para aqueles que os ouviram, suas palavras podem ter soado cautelosas, perspicazes e doutrinariamente preocupadas. No entanto, sua conclusão vinha de corações que já haviam se tornado resistentes a Jesus.

Este é um dos maiores perigos da acusação religiosa: ela raramente se apresenta como acusação. Frequentemente se disfarça de discernimento, preocupação, proteção, honestidade ou defesa da verdade.

Podemos dizer: “Só estou te contando isso para que você possa orar”, quando não temos nenhuma intenção de orar. Podemos dizer: “Alguém precisa falar a verdade”, quando o que realmente desejamos é uma oportunidade para liberar nossa frustração. Podemos alegar estar preocupados com alguém enquanto compartilhamos sua fraqueza com pessoas que não têm capacidade nem responsabilidade para ajudar. Podemos chamar nossas suspeitas de discernimento porque a linguagem espiritual faz com que nossas suposições pareçam justas.

Algumas preocupações são legítimas. Alguns alertas são necessários. Algumas informações precisam ser compartilhadas com pessoas responsáveis, especialmente quando alguém está sendo prejudicado ou colocado em perigo. A sabedoria bíblica nunca nos exige esconder o abuso, proteger o comportamento destrutivo, ou permanecer em silêncio quando a intervenção é necessária. No entanto, a legitimidade de uma preocupação não purifica automaticamente o motivo da pessoa que a expressa.

Antes de falar, precisamos permitir que o Espírito Santo examine nossos corações. Verificamos o que estamos repetindo? Falamos diretamente com a pessoa quando isso seria sábio e seguro? Estamos compartilhando o assunto com alguém que pode ajudar de forma responsável, ou com alguém que apenas fortalecerá nossa ofensa? O ouvinte realmente precisa dessa informação? Estamos entristecidos com a condição da pessoa, ou estamos secretamente satisfeitos por sua fraqueza ter sido exposta? Nós genuinamente nos alegraríamos se a pessoa se arrependesse, mudasse e fosse totalmente restaurada?

Essa última pergunta frequentemente revela a verdadeira condição do coração. O espírito de restauração deseja ver arrependimento e cura. O espírito de acusação pode alegar desejar prestação de contas, mas frequentemente permanece insatisfeito mesmo depois que a mudança genuína ocorre. Ele não quer apenas que a pessoa seja corrigida; ele quer que a pessoa seja permanentemente marcada.

Discernimento e suspeita não são a mesma coisa. O discernimento reconhece o que pode estar operando para que possamos responder de acordo com as Escrituras e o Espírito Santo. A suspeita

presume o pior e depois procura evidências para sustentar sua conclusão. O discernimento permanece humilde porque reconhece que nosso entendimento pode estar incompleto. A suspeita se torna confiante enquanto possui apenas fragmentos da história. O discernimento produz oração, sabedoria, limites e ação responsável. A suspeita produz medo, fofoca, distância e divisão.

Uma voz curada precisa aprender essa diferença.

Podemos Estar Certos Quanto aos Fatos e Errados em Nosso Espírito

Uma das verdades mais difíceis de aceitar é que podemos estar certos no conteúdo enquanto estamos errados no espírito. Frequentemente avaliamos nossa fala apenas perguntando se a informação era precisa. Se o que dissemos era verdade, presumimos que nosso motivo, nossa plateia, o momento, o tom e a maneira de falar não importam.

Mas as Escrituras não separam a verdade do espírito no qual ela é comunicada.

Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em todas as coisas naquele que é a cabeça, Cristo.

Efésios 4:15, NVI

Verdade e amor não são valores concorrentes. O amor bíblico não esconde a verdade, e a verdade bíblica não abandona o amor. A verdade revela o que precisa mudar, enquanto o amor governa por que e como isso é tratado. Sem a verdade, o amor pode se tornar sentimentalismo raso. Sem o amor, a verdade pode se tornar brutalidade.

Jesus encarna tanto a graça quanto a verdade. Portanto, uma voz entregue a Jesus precisa recusar a falsa escolha entre honestidade e compaixão. Podemos ser claros sem nos tornarmos cruéis. Podemos ser corajosos sem nos tornarmos arrogantes. Podemos corrigir alguém sem humilhá-lo. Podemos estabelecer limites necessários sem amaldiçoar a pessoa de quem o limite é exigido.

Podemos estar certos de que alguém falhou, mas errados em fazer dessa falha o assunto de conversas desnecessárias. Podemos estar certos de que uma decisão foi imprudente, mas errados em falar como se a pessoa fosse incapaz de crescer. Podemos estar certos de que a confiança foi danificada, mas errados em usar esse dano como permissão para punir a pessoa continuamente. Podemos estar certos sobre o que aconteceu, e ainda assim completamente errados sobre a impossibilidade da redenção.

Uma voz curada não pergunta apenas: “Tenho o direito de dizer isso?” Ela também pergunta: “Por que quero dizer isso? Quem precisa ouvir isso? É o momento certo? O que desejo que essas palavras realizem? Falar dessa forma refletirá o coração de Jesus?”

A verdade não precisa da ajuda de um espírito errado.

A Correção Precisa Permanecer Conectada à Restauração

Paulo apresenta um quadro claro de como crentes espiritualmente maduros devem reagir quando alguém caiu:

Irmãos, se alguém é surpreendido em alguma transgressão, vocês que são espirituais devem restaurá-lo com espírito de mansidão. Cuide-se, porém, cada um de não ser tentado.

Gálatas 6:1, NVI

A maturidade espiritual não é demonstrada apenas por reconhecer a falha de outra pessoa. Os fariseus eram habilidosos em identificar falhas. A maturidade espiritual se revela na capacidade de buscar a restauração com mansidão enquanto permanecemos conscientes de nossa própria dependência da misericórdia.

A palavra “restaurar” descreve consertar o que foi danificado e devolver algo à sua condição adequada. A restauração não é passiva, sentimental ou permissiva. Ela pode exigir confronto, confissão, arrependimento, prestação de contas, consequências, paciência e tempo. No entanto, cada parte desse processo permanece governada por um propósito redentor.

Paulo também diz que precisamos considerar a nós mesmos. Lembramos que nós também somos capazes de falhar e de sermos tentados. Lembramos da paciência que Cristo tem estendido a nós. Lembramos que qualquer força espiritual que possuímos é produto da graça, e não prova de nossa superioridade.

A humildade não enfraquece a correção; ela a purifica.

Um pai pode precisar corrigir um filho, mas esse filho precisa entender que a correção está conectada ao amor, à identidade e ao propósito. Um líder pode precisar confrontar um comportamento destrutivo, mas o confronto não pode se tornar uma oportunidade para proteger o orgulho pessoal ou exibir poder. Uma igreja pode precisar exercer disciplina, mas a disciplina bíblica precisa permanecer conectada à santidade, à proteção, ao arrependimento e à possibilidade de restauração. Um cônjuge pode precisar tratar de uma ferida profunda, mas o objetivo não pode ser simplesmente fazer com que a outra pessoa sinta uma quantidade igual de dor.

Podemos corrigir e permanecer conectados. A conexão nem sempre exige proximidade imediata ou acesso restaurado. Em situações graves, a sabedoria pode exigir distância, assistência profissional, aconselhamento espiritual, prestação de contas, ou limites firmes. O perdão não elimina as consequências, e a restauração do relacionamento nem sempre é idêntica à restauração da confiança. A confiança talvez precise ser reconstruída por meio de verdade consistente e comportamento transformado.

No entanto, mesmo quando o acesso muda, nossos corações podem permanecer livres de ódio, vingança e do desejo de destruir. Uma voz curada entende que prestação de contas e restauração não

são inimigas.

Nosso Tom Revela O Que Tem Governado Nosso Coração

Jesus disse:

Pois a boca fala do que está cheio o coração.

Mateus 12:34, NVI

Nossas palavras não começam em nossa boca. Elas começam em nosso coração. O tom é frequentemente a expressão audível de uma condição interna que ainda não foi entregue a Deus. A crítica repetida pode revelar uma decepção que nunca foi curada. A aspereza pode revelar medo. A defensividade constante pode revelar insegurança. O sarcasmo pode esconder ressentimento. O silêncio pode se tornar um método de punição. A exposição excessiva pode revelar um desejo de vindicação.

É por isso que mudar nosso vocabulário não é suficiente. Podemos aprender uma linguagem mais espiritual enquanto preservamos o mesmo coração ferido por baixo dela. Podemos substituir a crítica óbvia por insinuações cuidadosamente formuladas. Podemos falar suavemente enquanto ainda tentamos manipular. Podemos fazer perguntas projetadas não para descobrir a verdade, mas para plantar suspeita. Podemos dizer que estamos orando por alguém enquanto silenciosamente prejudicamos a forma como os outros a percebem.

Jesus não quer apenas editar nossas frases. Ele quer curar a fonte de onde elas fluem.

Antes que nossas vozes possam se tornar instrumentos de restauração, nossos corações precisam ser trazidos à presença de Deus. A ofensa precisa ser entregue. O orgulho precisa ser confessado. O medo precisa ser confrontado. A decepção precisa ser lamentada honestamente. A necessidade de controlar como os outros nos percebem precisa ser colocada aos pés de Jesus.

Algumas de nossas vozes permanecem doentes porque as feridas por baixo delas permanecem sem tratamento. Quando a dor não é curada, ela eventualmente procurará uma linguagem por meio da qual se expressar. Começamos a sangrar através de nossas palavras e a chamar isso de honestidade. Reagimos antes de ouvir, acusamos antes de entender, e atacamos antes de orar.

Deus deseja curar o lugar dentro de nós que continua produzindo essas palavras. Ele não quer apenas silenciar a frase prejudicial; Ele quer remover a amargura, a insegurança, o medo ou a ofensa que continua a criá-la.

Uma Voz Curada Sabe Quando Falar e Quando Permanecer em Silêncio

Curar nossas vozes não significa que precisamos falar constantemente. Às vezes a evidência mais clara de que Deus está governando nossa boca é nossa recusa em dizer o que nossas emoções estão exigindo liberar.

Meus amados irmãos, tenham isto em mente: sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se.

Tiago 1:19, NVI

O silêncio pode ser escravidão, mas o silêncio também pode ser sabedoria. O silêncio produzido pelo medo impede que a verdade necessária seja dita. O silêncio produzido pela sabedoria dá ao Espírito Santo tempo para governar nossa resposta. O silêncio da evasão permite que o pecado e o dano continuem. O silêncio do autocontrole se recusa a falar enquanto a raiva está distorcendo nosso julgamento.

Uma voz curada aprende a reconhecer a diferença.

Há momentos em que o amor exige que falemos e momentos em que o amor exige que ouçamos. Há momentos em que a coragem exige confronto e momentos em que a maturidade exige moderação. Algumas conversas devem acontecer de forma direta, privada e em oração. Outras situações exigem liderança espiritual de confiança, assistência profissional, ou autoridades responsáveis. Também existem assuntos que não precisam de nenhuma outra plateia.

Nem todo pensamento merece expressão. Nem toda frustração merece repetição. Nem toda informação nos pertence para compartilhar. Nem toda acusação merece nossa concordância.

Quando entregamos nossas vozes a Jesus, também entregamos o momento, a plateia, o tom e o propósito de nossas palavras.

A Acusação Precisa Se Tornar Intercessão

Imagine como a atmosfera de nossos lares e igrejas mudaria se toda tentação de acusar se tornasse um convite para interceder.

Em vez de declarar que alguém nunca vai mudar, pediríamos a Jesus que continuasse Sua obra nessa pessoa. Em vez de construir uma plateia ao redor de nossa frustração, buscaríamos pessoas sábias capazes de nos ajudar a buscar a verdade e a restauração. Em vez de usar a fraqueza presente de alguém como evidência contra seu futuro, levaríamos essa fraqueza diante do trono da graça.

Interceder não nos torna passivos. Coloca nossa resposta sob a autoridade de Deus antes de agirmos. Depois de orar, o Senhor ainda pode nos direcionar a confrontar, estabelecer um limite, buscar conselho, revelar um dano oculto, ou exigir prestação de contas. A oração não impede a ação responsável. Ela purifica o coração de onde a ação responsável precisa vir.

Quando oramos por alguém, lembramos que essa pessoa não está além do alcance de Deus. Reconhecemos que não sabemos tudo o que está acontecendo dentro dela. Reconhecemos que somente o Espírito Santo pode produzir convicção genuína e transformação duradoura. Paramos de tratar a pessoa como uma inimiga a ser derrotada e começamos a reconhecer a batalha espiritual em torno da situação.

O acusador pergunta: “Como posso provar o que ela fez?”

O intercessor pergunta: “Jesus, o que Tu desejas fazer agora?”

Essa mudança não minimiza a ofensa. Ela coloca a ofensa sob a autoridade de um propósito maior.

Não Amaldiçoarei Aquilo Que Sou Chamado a Proteger

O sermão nos dá uma declaração que precisa se tornar pessoal: “Não amaldiçoarei aquilo que sou chamado a proteger.”

Nossas famílias precisam de proteção contra mais do que perigos externos. Elas também precisam de proteção contra palavras que enfraquecem continuamente a identidade, a esperança, a confiança e a confiança espiritual. Pais podem corrigir o comportamento de um filho sem falar morte sobre a identidade dele. Cônjuges podem tratar de questões dolorosas sem declarar continuamente que o casamento não tem futuro. Líderes podem confrontar o fracasso sem reduzir uma pessoa a esse fracasso. Crentes podem expor obras das trevas sem tratar pessoas feridas como se elas mesmas fossem as trevas.

Proteger algo não significa fingir que é perfeito. Significa recusar-se a usar sua imperfeição como permissão para destruí-lo.

Uma voz curada pode reconhecer que um comportamento está errado enquanto declara que ele não precisa se tornar identidade permanente. Ela pode reconhecer que uma ferida é séria enquanto insiste que a ferida precisa ser trazida à luz e tratada com sabedoria. Ela pode admitir que a confiança foi quebrada enquanto se recusa a deixar que a amargura se torne a governante do coração. Ela pode reconhecer a dor da estação presente sem dar à dor a autoridade de profetizar sobre o futuro.

Uma voz curada não nega a realidade. Ela se recusa a interpretar a realidade sem redenção.

Paulo nos dá o padrão para uma fala que foi entregue a Deus:

Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que transmita graça aos que a ouvem.

Efébios 4:29, NVI

Edificar significa construir. Nossas palavras devem dar ao ouvinte algo com que construir uma vida de fé, arrependimento, maturidade e obediência. Isso não significa que toda palavra será confortável. A graça pode corrigir, alertar, confrontar e expor o que precisa ser trazido à luz. No entanto, a graça sempre carrega a possibilidade de redenção.

O inimigo quer que nossas vozes se tornem armas umas contra as outras. Jesus quer que nossas vozes se tornem instrumentos por meio dos quais a verdade, a convicção, a cura, a fé e a restauração entrem na casa.

A cura de nossas vozes começa quando trazemos a Jesus as palavras ditas com raiva, as acusações repetidas em particular, as conversas motivadas pelo orgulho, o silêncio usado para punir, a verdade que tivemos medo de falar, a decepção que afiou nosso tom, e as feridas que têm interpretado todos ao nosso redor.

Então Lhe pedimos para purificar tanto nossa boca quanto a fonte de onde nossas palavras têm fluído.

Não precisamos simplesmente de nossas vozes de volta.

Precisamos de nossas vozes curadas.

A evidência de uma voz curada não é apenas que ela fala com confiança. É que a verdade e o amor entraram em concordância, a acusação deu lugar à intercessão, e nossas palavras foram entregues ao propósito restaurador de Jesus Cristo.

REFLEXÃO PESSOAL E ESPIRITUAL

- Quando reconheço fraqueza em outra pessoa, minha primeira resposta é acusação, intercessão, confronto ou restauração?
- Já usei linguagem espiritual para disfarçar ofensa, ciúme, suspeita, ou o desejo de expor alguém?
- Existe uma pessoa cuja falha permiti que se tornasse sua identidade permanente em minha mente?
- Compartilho preocupações apenas com pessoas que podem ajudar de forma responsável, ou reúno uma plateia para minha frustração?
- O que o fruto da minha fala revela sobre a condição do meu coração?
- Já falei a verdade sem amor ou alegado amor enquanto evitava a verdade necessária?
- Existe uma ferida não tratada por baixo do meu tom que Jesus deseja curar?
- Que palavras ditas sobre meu cônjuge, meus filhos, minha igreja ou meu futuro exigem arrependimento?
- Que acusação preciso parar de repetir e começar a transformar em intercessão?
- O que uma voz curada diria sobre a situação que estou enfrentando atualmente?

DECLARAÇÃO

Jesus, entrego minha voz a Ti. Cura as feridas por baixo das minhas palavras, o orgulho por baixo da minha correção, o medo por baixo do meu silêncio, e a ofensa por baixo do meu tom. Examina os motivos que ninguém mais pode ver, e purifica todo lugar dentro de mim que tem permitido que a acusação, a suspeita, a amargura ou o desejo de vindicação falem.

Não permitirei que minha boca ecoe o acusador. Orarei antes de criticar, buscarei entendimento antes de tirar conclusões, e examinarei meu próprio coração antes de corrigir outra pessoa. Ensina-me a falar a verdade com amor, a confrontar o que está errado com humildade, e a estabelecer limites necessários sem falar morte sobre o futuro de outra pessoa.

Não usarei a falha de alguém para destruir sua identidade. Não reunirei uma plateia para a dor alheia em particular. Não amaldiçoarei aquilo que Tu me chamaste a proteger. Que minhas palavras reúnam em vez de espalhar, fortaleçam em vez de enfraquecer, curem em vez de ferir, e restaurem em vez de condenar.

Dá-me mais do que uma voz restaurada. Dá-me uma voz curada que reflita o Teu coração, sirva ao Teu propósito, e ministre graça àqueles que a ouvem.

Em nome de Jesus, amém.

PARTE TRÊS

Quando Muitas Vozes Se Tornam Um Só Som

03

Depois de expor o perigo de uma casa dividida, a mensagem avança para uma cena notável do Antigo Testamento. O templo havia sido construído, os utensílios sagrados haviam sido colocados dentro dele, a arca da aliança havia sido trazida para o lugar santíssimo, e os sacerdotes e músicos haviam se reunido para adorar. Tudo parecia pronto, mas as Escrituras chamam nossa atenção para um momento específico que precedeu a manifestação da glória de Deus.

Os que tocavam trombetas e os cantores, em uníssono, louvaram e agradeceram ao Senhor. Ao som de trombetas, címbalos e outros instrumentos, levantaram a voz em louvor ao Senhor e cantaram: “Ele é bom; o seu amor leal dura para sempre.” Então, uma nuvem encheu o templo do Senhor, de forma que os sacerdotes não podiam permanecer ali para desempenhar o seu serviço, pois a glória do Senhor enchera o templo de Deus.

2 Crônicas 5:13–14, NVI

O templo estava cheio de pessoas diferentes, instrumentos diferentes, responsabilidades diferentes e sons diferentes. Os que tocavam trombetas não soavam como os cantores. Os címbalos não soavam como as trombetas. Os sacerdotes não desempenhavam a mesma função dos músicos. Cada pessoa carregava uma atribuição distinta, e cada instrumento contribuía com algo que os outros não poderiam reproduzir.

No entanto, as Escrituras dizem que eles estavam “em uníssono, para produzir um só som”.

A unidade deles não removeu suas diferenças. Ela trouxe suas diferenças sob um único propósito. Eles não se tornaram um porque todos produziam o mesmo tom. Eles se tornaram um porque cada tom era direcionado ao mesmo Deus, proclamando a mesma verdade e servindo ao mesmo propósito.

Este é o poder da unidade espiritual. Ela não apaga a identidade; ela santifica a identidade ao colocar todo dom, preferência, personalidade e habilidade sob o senhorio de Jesus Cristo. A unidade não exige que todos desapareçam. Ela exige que tudo dentro de nós se alinhe com algo maior do que nós mesmos.

Um Só Som Não Significa Uma Só Voz

A expressão “um só som” pode ser mal interpretada se imaginarmos que a unidade bíblica exige que todos pareçam, pensem, falem e funcionem exatamente da mesma forma. Mas a cena em 2 Crônicas apresenta o quadro oposto. O som era um precisamente porque muitas vozes e instrumentos diferentes estavam contribuindo para ele.

Se todas as pessoas tivessem tocado trombeta, algo estaria faltando. Se todos tivessem cantado a mesma parte musical, a plenitude da harmonia teria se perdido. A beleza daquele momento veio da distinção submetida ao acordo.

Paulo usa o corpo humano para explicar essa mesma verdade a respeito da igreja:

Há diferentes tipos de dons, mas um mesmo Espírito. Há diferentes tipos de serviço, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes tipos de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos.

1 Coríntios 12:4–6, NVI

Há diversidades de dons, diferenças de ministério e variedades de atividade, mas o mesmo Espírito, o mesmo Senhor e o mesmo Deus operam através de todos eles. A unidade bíblica não é uniformidade. É diversidade governada pelo mesmo Espírito e direcionada ao mesmo Senhor.

Isso significa que outra pessoa não precisa se tornar como nós para estar unida a nós. Sua personalidade pode ser diferente. Sua expressão de adoração pode ser diferente. Sua origem cultural, experiência de vida, idade e dom espiritual podem ser diferentes. Ela pode reconhecer necessidades que ignoramos e carregar fardos que não entendemos naturalmente. Essas diferenças não precisam ameaçar a unidade. Quando entregues a Cristo, elas podem revelar dimensões da sabedoria e da graça de Deus que nenhuma pessoa sozinha poderia demonstrar.

A divisão começa quando interpretamos a diferença como competição. Começamos a acreditar que o dom de outra pessoa diminui o nosso, que sua oportunidade tirou algo de nós, ou que seu reconhecimento nos torna menos significativos. Em vez de celebrar como sua contribuição fortalece todo o corpo, comparamos o lugar dela com o nosso.

Uma trombeta não precisa se tornar um címbalo para pertencer à orquestra. O cantor não precisa silenciar o músico para provar que sua voz importa. Cada um precisa apenas submeter seu som ao propósito da canção.

O problema não é que a casa contenha sons diferentes. O problema começa quando todo som exige se tornar o centro.

A Unidade Exige Alinhamento, Não Uniformidade

A uniformidade é criada por pressão externa. Ela exige que todos se conformem à mesma expressão, preferência ou personalidade. A unidade é criada por meio da entrega interior. Ela ocorre quando pessoas diferentes se alinham voluntariamente com um propósito espiritual compartilhado.

A uniformidade diz: “Você precisa se tornar como eu.”

A unidade diz: “Nós dois precisamos nos tornar mais parecidos com Cristo.”

A uniformidade tenta controlar as pessoas de fora para dentro. A unidade permite que o Espírito Santo governe as pessoas de dentro para fora. A uniformidade é ameaçada por perguntas e diferenças. A unidade é forte o suficiente para sustentar conversas honestas porque seu fundamento é mais profundo do que a preferência pessoal.

Essa distinção é essencial porque igrejas, famílias e ministérios podem parecer unidos enquanto praticam apenas conformidade. As pessoas podem permanecer em silêncio porque têm medo de discordar. Podem cooperar externamente enquanto carregam ressentimento em particular. Podem seguir a mesma rotina sem compartilhar o mesmo coração.

Essa não é a unidade revelada em 2 Crônicas. Aqueles que se reuniram não estavam simplesmente de pé no mesmo edifício ou participando da mesma programação. As Escrituras dizem que eles se tornaram um ao louvar e agradecer ao Senhor. Seu acordo tinha conteúdo espiritual. Seus corações e vozes estavam alinhados em torno da bondade e da misericórdia eterna de Deus.

A unidade do Espírito não vem de evitar toda diferença. Ela vem de colocar toda diferença sob uma revelação maior de quem Deus é e do que Ele nos chamou a realizar juntos.

Paulo descreveu esse tipo de unidade quando escreveu:

Completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só mente.

Filipenses 2:2, NVI

Ter o mesmo modo de pensar não significa que os crentes nunca terão opiniões diferentes. Paulo conecta imediatamente essa unidade à humildade e à mente de Cristo. A mesma mente não é concordância sobre toda preferência pessoal; é a decisão compartilhada de imitar a humildade, o amor e a natureza de doação de Jesus.

A unidade se torna possível quando todos deixam de perguntar: “Como posso proteger minha importância?” e começam a perguntar: “Como posso servir ao propósito de Cristo?”

O Conteúdo do Som Deles Era o Caráter de Deus

Os músicos e cantores não se uniram em torno de uma personalidade, de uma preferência, ou de uma reclamação. Seu som foi unificado em torno de uma declaração: “Ele é bom; o seu amor leal dura para sempre.”

O centro do acordo deles era o próprio Deus.

Isso é significativo porque as pessoas não podem construir unidade espiritual duradoura em torno de personalidades humanas. As personalidades mudam, decepcionam e eventualmente saem de cena. Não podemos construir unidade duradoura em torno de estilos musicais, métodos ministeriais, opiniões políticas, preferências culturais ou relacionamentos pessoais. Essas coisas podem nos influenciar, mas não são fortes o suficiente para manter uma casa espiritual unida.

Somente Jesus pode ocupar o centro sem destruir todos ao Seu redor.

Quando uma personalidade se torna o centro, as pessoas começam a competir por acesso e reconhecimento. Quando uma preferência se torna o centro, as pessoas começam a medir a fidelidade

pela conformidade a essa preferência. Quando uma reclamação se torna o centro, as pessoas podem se unir temporariamente, mas sua unidade é construída sobre a oposição. Assim que o inimigo comum desaparece, elas frequentemente se voltam umas contra as outras.

Os adoradores em 2 Crônicas não estavam unidos pelo que se opunham. Estavam unidos pelo que proclamavam. A bondade e a misericórdia de Deus lhes deram uma linguagem compartilhada.

Isso nos ensina algo importante sobre a atmosfera de uma igreja ou de um lar. A unidade cresce quando a fidelidade de Deus se torna maior em nossa conversa do que nossas frustrações uns com os outros. Isso não significa que nos recusamos a tratar de problemas. Significa que nossos problemas não se tornam o centro ao redor do qual a casa se reúne.

Se uma família se reúne continuamente em torno da decepção, a decepção começará a moldar sua identidade. Se uma igreja se reúne em torno da crítica, a crítica eventualmente se tornará sua linguagem comum. Se um ministério se reúne em torno da importância de uma pessoa, a competição se desenvolverá em torno da proximidade com essa pessoa.

Mas quando as pessoas se reúnem em torno da bondade, da misericórdia, da verdade e da missão de Jesus, a importância individual começa a diminuir. Lembramos que a casa pertence a Ele, os dons vieram dEle, as pessoas foram redimidas por Ele, e a glória precisa retornar a Ele.

Seu som único não era: “Notem-nos.”

Era: “Ele é bom.”

Seu som único não era: “Reconheçam nosso dom.”

Era: “Sua misericórdia dura para sempre.”

O som se tornou um porque Deus se tornou maior do que as pessoas que o produziam.

Quando a Posição Se Torna Mais Importante Que o Propósito

A mensagem identifica uma das causas mais comuns de divisão dentro de uma igreja: as pessoas param de lutar pelo propósito e começam a lutar pela posição. Perguntas sobre quem vai cantar, liderar, pregar, decidir ou receber reconhecimento lentamente se tornam mais importantes do que a razão pela qual o ministério existe.

A posição está preocupada com a visibilidade. O propósito está preocupado com o fruto.

A posição pergunta: “Alguém percebeu o que eu contribuí?” O propósito pergunta: “O que contribuí ajudou alguém a encontrar Jesus?”

A posição compara atribuições. O propósito reconhece que toda atribuição fiel participa da mesma missão.

A posição se ofende quando outra pessoa é celebrada. O propósito se alegra porque toda a casa foi fortalecida.

A posição vê o dom de outra pessoa como competição. O propósito o vê como provisão de Deus.

Uma preocupação com a posição corrompe nosso som porque deixamos de adorar com a casa; passamos a ouvir se a casa está nos reconhecendo. Podemos continuar cantando, servindo, pregando, dando ou liderando, mas nossos corações começaram a monitorar o reconhecimento. Quando o reconhecimento não vem, surge a ofensa. Quando outra pessoa é escolhida, segue-se a suspeita. Quando outra pessoa prospera, procuramos razões pelas quais seu sucesso não deveria ser confiável.

É assim que uma casa cheia de pessoas dotadas ainda pode se tornar espiritualmente fraca. Os dons permanecem, mas não estão mais se movendo em concordância. A energia que deveria ter sido direcionada para alcançar pessoas, fazer discípulos, fortalecer famílias e proclamar Jesus é consumida pela competição interna.

A resposta não é fingir que liderança, responsabilidade e reconhecimento saudável não importam. As funções precisam ser claras, as pessoas devem ser honradas, e o serviço fiel deve ser apreciado. Mas o reconhecimento não pode se tornar a fonte de nossa identidade. Quando sabemos que nosso valor vem de Deus e que nossa atribuição é recebida dEle, nos tornamos livres para servir sem tratar o lugar de outra pessoa como uma ameaça ao nosso próprio.

O som se torna um quando cada pessoa decide que o propósito é mais importante do que a posição que ocupa dentro dele.

O Que Precedeu a Glória

Segundo Crônicas nos diz que, quando os adoradores se tornaram um só, levantando um som unificado de louvor e ação de graças, a casa foi cheia da glória do Senhor. Os sacerdotes não podiam continuar seu ministério normal porque a presença de Deus dominou a ordem comum do serviço.

Essa passagem não nos dá uma fórmula pela qual os seres humanos podem controlar a presença de Deus. A unidade não manipula Deus, e o acordo emocional não O força a se manifestar de acordo com nossas expectativas. Deus permanece soberano. Sua glória nunca é algo que produzimos.

No entanto, as Escrituras conectam intencionalmente o acordo do povo com o encher da casa. A unidade deles não criou a glória, mas preparou uma atmosfera na qual nenhuma agenda humana concorrente tentou reivindicar o que pertencia somente a Deus.

Antes que a nuvem enchesse a casa, as vozes se uniram.

Antes que os sacerdotes não pudessem mais ficar de pé para ministrar, os adoradores pararam de chamar atenção para si mesmos.

Antes que a glória se tornasse visível, o povo concordou sobre quem merecia o louvor.

Uma atmosfera dividida continuamente redireciona a atenção para pessoas, feridas, preferências e conflitos. Uma atmosfera unida direciona a atenção para Deus. A divisão enche uma sala de narrativas concorrentes. A unidade traz essas narrativas sob uma declaração maior: "Ele é bom, e a Sua misericórdia dura para sempre."

Quando as pessoas entram na adoração enquanto protegem ofensas particulares, se comparam com os outros, ou competem por reconhecimento, suas bocas podem cantar a mesma letra enquanto seus corações produzem sons diferentes. O verdadeiro acordo exige mais do que participação vocal. Exige entrega interior.

O som único de 2 Crônicas não foi criado apenas pela habilidade musical. Ele foi criado quando pessoas habilidosas entregaram suas expressões individuais a uma revelação compartilhada de Deus.

Uma igreja pode ter músicos excelentes sem ter um só som. Ela pode ter pregação poderosa, programas organizados, líderes talentosos e grandes reuniões, e ainda assim permitir que a competição, a suspeita e a ofensa enfraqueçam a atmosfera. A excelência pode organizar o som, mas somente a entrega pode unificar o coração.

Deus não está buscando apenas notas precisas. Ele está buscando corações que concordem com Seu propósito.

O Acordo Muda a Atmosfera da Casa

Toda casa carrega um som. Alguns lares ecoam continuamente com raiva, crítica, medo ou tensão não resolvida. Mesmo durante momentos de silêncio, a atmosfera carrega o peso do que tem sido repetidamente falado. Outros lares carregam um som de oração, gratidão, perdão e fé. Não são lares perfeitos, mas as pessoas dentro deles decidiram qual voz possuirá a maior autoridade.

A atmosfera de uma casa é formada ao longo do tempo. É construída por meio de palavras repetidas, reações, prioridades e hábitos. Uma oração não estabelece uma cultura de oração, assim como uma discussão não necessariamente cria uma cultura de divisão. A atmosfera é moldada pelo que as pessoas da casa continuamente permitem, repetem e praticam.

Uma família começa a desenvolver um só som quando seus membros concordam que Jesus permanecerá no centro mesmo quando discordarem uns dos outros. Os pais podem abordar situações de forma diferente, mas se recusam a desqualificar um ao outro diante dos filhos. Os membros da família podem enfrentar conflitos, mas retornam ao perdão. Podem atravessar o sofrimento, mas continuam declarando a fidelidade de Deus. Podem não saber como cada problema será resolvido, mas concordam que o medo não se tornará a autoridade final em seu lar.

O mesmo princípio se aplica à igreja. Um só som não significa que cada membro prefira a mesma música, possua a mesma origem cultural, ou expresse a adoração da mesma maneira. Significa que, quando o povo se reúne, toda diferença se torna secundária diante da supremacia de Jesus Cristo.

A igreja pode dizer com um só coração: Jesus é Senhor. Sua Palavra é verdadeira. Sua misericórdia dura para sempre. Seu evangelho ainda salva. Seu Espírito ainda transforma. Sua missão é maior do que nossas preferências pessoais. Sua casa vale a pena proteger. Seu povo vale a pena amar. Sua presença vale a pena buscar.

Quando essas convicções se tornam maiores do que nossas diferenças, a atmosfera muda. A acusação perde sua plateia. A ofensa perde sua capacidade de recrutar outros. A competição perde seu poder. A

oração recupera sua voz, a adoração carrega maior peso espiritual, e as pessoas se tornam mais sensíveis ao que Deus deseja realizar entre elas.

Um Só Som Exige Escutar

Os músicos em 2 Crônicas não poderiam ter produzido um só som se cada pessoa ouvisse apenas a si mesma. A harmonia exige a capacidade de ouvir o que os outros estão contribuindo. Um músico que não consegue ouvir o restante do conjunto pode tocar corretamente sozinho enquanto atrapalha a canção coletivamente.

O mesmo é verdade na comunidade espiritual. A unidade exige mais do que falar; exige escutar.

Precisamos ouvir o Espírito Santo, porque Ele é quem dirige a casa. Precisamos ouvir as Escrituras, porque a Palavra estabelece a verdade em torno da qual nosso acordo é formado. Também precisamos aprender a ouvir uns aos outros, porque Deus frequentemente coloca discernimento, fardo, correção e sabedoria em diferentes membros do corpo.

Um coração dividido ouve principalmente em busca de ameaças. Ele ouve toda sugestão como crítica e toda correção como rejeição. Um coração humilde ouve buscando entendimento. Ele não presume que toda discordância é um ataque. Está disposto a perguntar se Deus pode estar usando outra pessoa para revelar algo que não conseguiríamos ver sozinhos.

Escutar não exige que concordemos com tudo o que ouvimos. Exige que valorizemos as pessoas o suficiente para entender antes de responder. Podemos examinar o que é dito, testá-lo segundo as Escrituras, e ainda assim manter um espírito de honra.

Muitos relacionamentos não carecem de comunicação porque ninguém está falando. Carecem de comunicação porque todos estão falando enquanto ninguém está escutando. Toda pessoa está produzindo som, mas não há harmonia.

Um só som se torna possível quando paramos de ouvir apenas por nós mesmos e começamos a ouvir pelo propósito de Deus dentro de toda a casa.

A Casa Precisa Carregar o Som

O objetivo da unidade é maior do que criar um momento emocional durante um culto de adoração. O som produzido no santuário precisa se tornar o som carregado para nossos lares, conversas, ministérios e decisões.

É possível cantar sobre a bondade de Deus no domingo e passar o resto da semana falando como se Ele nos tivesse abandonado. É possível adorar ao lado de alguém publicamente enquanto o critica em particular. É possível declarar que a misericórdia de Deus dura para sempre enquanto nos recusamos a estender misericórdia às pessoas mais próximas de nós.

Isso ainda não é um só som. É contradição espiritual.

Uma vida unificada começa quando o som de nossa adoração e a linguagem de nossa vida diária entram em concordância. Se declaramos que Deus é bom, então Sua bondade precisa influenciar como interpretamos as estações difíceis. Se declaramos que Sua misericórdia dura para sempre, então a misericórdia precisa se tornar visível na forma como tratamos pessoas imperfeitas. Se declaramos que Jesus é Senhor, então nossas preferências precisam permanecer submissas ao Seu propósito.

O som precisa sair do santuário e entrar na casa.

As crianças precisam ouvir em casa a mesma fé que seus pais expressam na igreja. Os cônjuges precisam experimentar em particular a mesma graça que os crentes celebram publicamente. Os colegas de trabalho precisam encontrar o mesmo caráter que aparece durante a adoração. Nossas conversas particulares precisam entrar em concordância com nosso louvor público.

Deus deseja mais do que um culto unificado. Ele deseja um povo unificado.

Tornando-se Parte do Um Só Som

Toda pessoa precisa decidir qual som está adicionando à casa. Podemos não controlar toda voz ao nosso redor, mas somos responsáveis pela voz que contribuímos.

Se continuamente adicionamos crítica, a atmosfera se torna mais pesada. Se adicionamos suspeita, a confiança se torna mais difícil. Se adicionamos competição, as pessoas começam a proteger suas posições. Se adicionamos gratidão, fé, intercessão, encorajamento e verdade dita em amor, a casa se torna mais forte.

Isso não significa que nos tornamos artificialmente positivos ou nos recusamos a reconhecer a dor. Os adoradores declararam a misericórdia de Deus porque a história de Israel havia demonstrado repetidamente tanto a falha humana quanto a fidelidade divina. Seu louvor não veio da ignorância da luta. Veio da revelação de que a misericórdia de Deus havia permanecido maior do que sua falha.

O som único da igreja não é a negação do sofrimento. É a declaração compartilhada de que o sofrimento não muda o caráter de Deus. Não é a ausência de perguntas sem resposta. É o acordo de que Jesus continua sendo Senhor mesmo enquanto esperamos por respostas. Não é fingir que todos estão inteiros. É trazer nossas diferentes feridas, testemunhos, dons e necessidades à presença do mesmo Salvador.

Quando muitas vozes se tornam um só som, nenhuma voz individual perde seu valor. Em vez disso, toda voz se torna parte de algo maior do que poderia produzir sozinha. A oração de um crente fortalece outro. O testemunho de uma família dá esperança a outra família. O dom de um membro supre o que outro membro carece. A fé de uma pessoa ajuda a carregar alguém cuja fé se tornou fraca.

Esta é a casa que Deus deseja encher: não uma casa sem diferenças, mas uma casa cujas diferenças foram entregues a um só Senhor; não uma casa construída em torno de uma personalidade, mas uma casa centrada em Jesus; não uma casa em que cada pessoa produz o mesmo som, mas uma casa em que todo som serve ao mesmo propósito santo.

A unidade não silencia a individualidade. Ela traz toda voz, dom, origem e testemunho sob um único propósito até que a casa carregue um só som: Jesus é Senhor, Deus é bom, e Sua misericórdia dura para sempre.

REFLEXÃO PESSOAL E ESPIRITUAL

- Quando entro em adoração ou ministério, estou mais consciente da presença de Deus ou de saber se outras pessoas reconhecem minha contribuição?
- Já interpretei o dom, a oportunidade ou o sucesso de outra pessoa como uma ameaça à minha própria importância?
- Existe alguma preferência pessoal que permiti se tornar mais importante do que a missão compartilhada da igreja ou da família?
- Minha conversa particular concorda com minha adoração pública?
- Que som tenho adicionado consistentemente ao meu lar: gratidão, fé, paz, crítica, medo, suspeita ou frustração?
- Estou disposto a ouvir o que Deus pode estar revelando por meio de pessoas cujas personalidades e experiências são diferentes das minhas?
- Já confundi unidade com conformidade e esperei que outros se tornassem como eu, em vez de encorajar a todos nós a nos tornarmos mais parecidos com Cristo?
- Estou lutando por uma posição, ou estou servindo fielmente ao propósito?
- Que ofensa, competição ou desejo de reconhecimento preciso entregar para que minha voz possa fortalecer o um só som?
- Que verdade sobre o caráter de Deus minha família ou igreja precisa declarar juntas novamente?

ORAÇÃO E DECLARAÇÃO

Senhor Jesus, traze toda parte do meu coração para concordância com Teu propósito. Perdoa-me pelas vezes em que tratei o dom de outra pessoa como uma ameaça, permiti que a preferência pessoal se tornasse causa de divisão, ou desejei reconhecimento mais do que desejei Tua glória. Livra-me da necessidade de ocupar o centro, e ensina-me a servir fielmente no lugar que Tu me designaste.

Ajuda-me a reconhecer o valor de cada membro do Teu corpo. Ensina-me a honrar dons diferentes dos meus, a ouvir com humildade, e a celebrar o que Tu estás fazendo por meio dos outros. Não permitas que o orgulho, a insegurança, o ciúme ou a ofensa corrompam o som que trago para dentro da Tua casa.

Que minhas palavras particulares concordem com minha adoração pública. Se declaro que Tu és bom, ensina-me a confiar em Tua bondade nas estações difíceis. Se canto sobre Tua misericórdia, ensina-me a estender misericórdia a pessoas imperfeitas. Se confesso que Tu és Senhor, traze minhas preferências, ambições, relacionamentos e decisões sob Tua autoridade.

Entrego minha voz, meu dom, minha posição e minhas expectativas a Ti. Que tudo o que eu contribuir fortaleça a atmosfera espiritual do meu lar e da minha igreja. Faze-nos um sem apagar as belas diferenças que colocaste entre nós. Alinha nossos corações, purifica nossos motivos, e traze nossas muitas vozes sob um único propósito santo.

Que o som que se levanta de nossas vidas declare que Tu és bom, Tua misericórdia dura para sempre, e Tua glória somente merece encher a casa.

Em nome de Jesus, amém.

CONCLUSÃO

Que a Casa Se Torne Uma Só

Mateus 12 começa com um homem que não pode ver nem falar. Sua vida foi dominada por um poder que ele não consegue vencer, sua visão foi roubada, e sua voz foi silenciada. No entanto, quando Jesus entra na situação, tudo muda. O homem mais forte confronta o que estava dominando a casa. Olhos cegos são abertos, uma boca silenciosa começa a falar, e uma vida que havia sido controlada pela escravidão se torna um testemunho de autoridade divina.

Mas enquanto um homem está sendo restaurado, a divisão está sendo exposta na sala.

As pessoas testemunham o mesmo milagre, mas não produzem a mesma resposta. Alguns ficam maravilhados e começam a se perguntar se Jesus é o prometido Filho de Davi. Outros olham para a mesma evidência de libertação e a chamam de obra do diabo. O homem que estava silenciado agora tem voz, mas os fariseus usam suas vozes para acusar. Uma voz foi restaurada enquanto outras vozes se tornaram corrompidas.

Jesus então anuncia o princípio que governa toda a passagem:

Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá.

Mateus 12:25, NVI

A estratégia do inimigo não se limita a silenciar pessoas. Se ele não pode remover nossas vozes, ele tentará corrompê-las. Se ele não pode nos impedir de falar, ele tentará encher nossa fala de suspeita, ofensa, crítica, orgulho e acusação. Se ele não pode destruir a casa de fora, ele tentará virar as pessoas dentro da casa umas contra as outras.

Uma casa dividida ainda pode parecer ativa. As pessoas podem continuar frequentando, servindo, cantando, pregando, trabalhando e mantendo rotinas familiares. Uma família dividida pode continuar vivendo sob o mesmo teto. Um casamento dividido pode continuar funcionando externamente. Uma igreja dividida ainda pode ter cultos, programas, música e multidões. No entanto, por baixo de toda a atividade visível, a força da casa está sendo lentamente consumida pelo conflito interno.

As pessoas ainda estão se movendo, mas não estão mais se movendo juntas.

As vozes ainda estão falando, mas não estão mais falando sob um único propósito.

Os dons ainda estão presentes, mas estão competindo em vez de cooperar.

A casa permanece de pé fisicamente enquanto seu alicerce espiritual está sendo enfraquecido.

É por isso que a unidade não pode ser tratada como um assunto secundário. A unidade não é uma qualidade opcional para pessoas que naturalmente concordam umas com as outras. Não é uma preferência de personalidade para aqueles que não gostam de conflito. A unidade é resistência espiritual. É a recusa deliberada em permitir que o inimigo transforme diferenças em divisão, dor em acusação, correção em condenação, ou dons individuais em competição.

A unidade não começa quando todos os outros mudam. Ela começa quando cada um de nós entrega seu próprio coração a Jesus.

Ela começa quando paramos de perguntar apenas o que outra pessoa fez e permitimos que o Espírito Santo nos mostre o que tem acontecido dentro de nós. Ela começa quando reconhecemos a ofensa moldando nossa interpretação, o orgulho controlando nossa resposta, a decepção afiando nosso tom, e a insegurança fazendo com que o dom de outra pessoa pareça ameaçador.

O primeiro território dividido que Jesus deseja curar pode ser o território dentro de nosso próprio coração.

A Casa Carregará o Som Que Continuamente Produzimos

Toda casa carrega um som. Esse som é criado ao longo do tempo por meio de palavras repetidas, reações, conversas, atitudes e hábitos espirituais. Ele é ouvido não apenas no que é dito publicamente, mas também no que é sussurrado em particular. Ele é revelado na forma como os membros da família falam uns dos outros, na forma como os líderes respondem à correção, na forma como os crentes discutem aqueles com quem discordam, e na forma como interpretamos pessoas quando elas não estão presentes para se defender.

Uma casa pode carregar o som da suspeita até que ninguém se sinta seguro.

Pode carregar o som da crítica até que ninguém se sinta capaz.

Pode carregar o som da raiva até que todos aprendam a viver na defensiva.

Pode carregar o som da decepção até que a esperança comece a desaparecer.

Pode carregar o som da competição até que todo dom se torne uma ameaça.

Ela também pode carregar o som da oração, da verdade, do perdão, da adoração, do encorajamento, do arrependimento e da restauração. Pode se tornar um lugar onde as pessoas são corrigidas sem serem rejeitadas, onde a fraqueza é trazida à luz sem se tornar identidade permanente, e onde o fracasso é confrontado sem receber a palavra final.

A atmosfera da casa é moldada pelo som que as pessoas da casa repetidamente escolhem produzir.

É por isso que a cura de nossas vozes importa. Deus não quer apenas que paremos de dizer coisas negativas. Ele quer transformar a fonte espiritual de onde nossas palavras fluem. Ele quer curar a ferida por baixo do nosso tom, a ofensa por baixo de nossas conclusões, o medo por baixo do nosso controle, e o orgulho por baixo da nossa correção.

Não precisamos apenas de vocabulário diferente. Precisamos de corações transformados.

Não precisamos apenas de nossas vozes restauradas. Precisamos de nossas vozes curadas.

Uma voz curada pode falar a verdade sem tentar destruir. Pode confrontar o pecado enquanto continua a desejar a redenção. Pode estabelecer um limite sem se render ao ódio. Pode reconhecer a gravidade

de uma ferida sem declarar que a cura é impossível. Pode dizer a verdade sobre o presente enquanto se recusa a deixar que o presente se torne uma profecia sobre o futuro.

Uma voz curada entende que toda palavra precisa responder ao propósito de Jesus.

Precisamos Decidir a Qual Ministério Nossas Vozes Servirão

O acusador e o Intercessor estão ambos falando.

O acusador continuamente apresenta evidências contra as pessoas. Ele as chama por seus piores momentos, interpreta suas fraquezas sem misericórdia, e insiste que seus fracassos as desqualificaram da restauração. Seu propósito não é o arrependimento, mas a condenação. Ele não quer que a ferida seja curada; ele quer que a ferida se torne identidade.

Jesus está em completo contraste. Ele é o Intercessor. Ele não nega o pecado, não minimiza a rebelião, nem chama as trevas de luz. Ele confronta a verdade de forma mais completa do que qualquer acusador jamais poderia, mas também fornece o sangue, a misericórdia, a graça e o poder por meio dos quais os pecadores podem se tornar novos.

O acusador diz: “Foi isso que ela fez, e é tudo o que ela sempre será.”

Jesus diz: “Foi isso que a prendeu, mas Eu vim para libertá-la.”

O acusador fala para aprisionar.

Jesus fala para restaurar.

Todos os dias, nossas vozes são convidadas a participar de um desses ministérios. Podemos nos tornar repetidores de acusação ou portadores de intercessão. Podemos reunir plateias em torno dos fracassos das pessoas, ou podemos levar suas necessidades diante de Deus. Podemos ampliar fraquezas até que a esperança desapareça, ou podemos confrontar essas fraquezas enquanto continuamos a acreditar que Jesus não terminou Sua obra.

A decisão pode ocorrer em uma conversa comum. Alguém menciona uma pessoa que nos decepcionou, e temos a oportunidade de repetir todo o caso. Sentimos o desejo familiar de explicar, defender, expor ou recrutar concordância. Naquele momento, a resistência espiritual pode não parecer dramática. Pode simplesmente significar recusar-se a repetir a acusação.

Pode significar dizer: “Preciso orar antes de falar sobre isso.”

Pode significar procurar a pessoa diretamente em vez de discuti-la continuamente.

Pode significar admitir que não conhecemos suas motivações.

Pode significar recusar-se a compartilhar informações com alguém que não pode ajudar.

Pode significar dizer a verdade sobre comportamento prejudicial às pessoas responsáveis que podem proteger outros e tratar da situação.

Pode significar pedir desculpas pela forma como nossa própria dor afetou nossas palavras.

Pode significar orar pela pessoa que temos achado mais fácil criticar.

Nesses momentos, a unidade se torna guerra. O inimigo perde mais uma oportunidade de usar nossa boca como instrumento de divisão.

Da Sala Dividida à Casa Unificada

Mateus 12 nos mostra uma sala dividida. Segundo Crônicas 5 nos mostra uma casa unificada.

Em Mateus 12, as pessoas testemunham a obra de Deus e produzem interpretações concorrentes. Um milagre aconteceu, mas a acusação tenta corromper a atmosfera. Em 2 Crônicas, muitas pessoas com vozes, instrumentos, dons e responsabilidades diferentes se entregam a um único propósito.

Os que tocavam trombetas e os cantores, em uníssono, levantaram a voz em louvor e ação de graças ao Senhor.

2 Crônicas 5:13, NVI

Eles não se tornaram um porque suas diferenças desapareceram. Tornaram-se um porque Deus se tornou maior do que suas diferenças. Cada instrumento manteve seu som distinto, mas cada som servia à mesma canção. Cada pessoa manteve uma atribuição única, mas cada atribuição apontava para o mesmo Senhor.

Então a casa foi cheia da glória de Deus.

Essas duas cenas nos apresentam uma escolha espiritual. Nossas casas se assemelharão à sala dividida de Mateus 12, onde vozes competem para controlar a interpretação do que Deus está fazendo? Ou se assemelharão ao templo em 2 Crônicas, onde vozes diferentes entram em acordo em torno da bondade e da misericórdia de Deus?

A diferença não é talento, atividade ou conhecimento religioso. Os fariseus possuíam conhecimento. Os músicos do templo possuíam habilidade. A questão decisiva foi a entrega. Um grupo usou sua voz para defender sua posição; o outro entregou sua voz para declarar o caráter de Deus.

Esta é a pergunta que precisa permanecer diante de nós: Que som estamos adicionando à casa?

Estamos adicionando suspeita ou fé?

Estamos adicionando acusação ou intercessão?

Estamos adicionando competição ou cooperação?

Estamos protegendo uma posição ou servindo ao propósito?

Nossas palavras estão reunindo o que Jesus deseja restaurar, ou espalhando o que Ele deseja unir?

Esta Casa Não Pode Ser Entregue à Divisão

Precisamos tomar uma decisão espiritual a respeito de nossos lares, casamentos, igrejas, amizades e ministérios: não entregaremos a casa à divisão.

Não fingiremos que os problemas não existem. Não protegeremos o abuso, não ocultaremos comportamento prejudicial, não ignoraremos o pecado, nem chamaremos a falsidade de verdade. A unidade bíblica não é a ausência de prestação de contas. É a determinação de que até mesmo a correção necessária permanecerá sob o governo do Espírito Santo.

Confrontaremos o que está errado sem nos tornarmos acusadores.

Protegeremos os vulneráveis sem permitir que o ódio possua nosso coração.

Estabeleceremos limites sem declarar que a redenção é impossível.

Falaremos a verdade sem usar a verdade como permissão para ferir.

Recusaremos a paz falsa, mas também recusaremos a contenda destrutiva.

Não permitiremos que a preferência pessoal se torne mais sagrada do que a missão. Não permitiremos que a decepção se torne a lente por meio da qual interpretamos todos ao nosso redor. Não permitiremos que o dom de outra pessoa se torne uma ameaça à nossa identidade. Não construiremos casos contra as mesmas pessoas que Deus nos chamou a carregar em oração.

Não amaldiçoaremos aquilo que somos chamados a proteger.

Um marido precisa decidir que sua voz não enfraquecerá continuamente a mulher que prometeu amar. Uma esposa precisa decidir que suas palavras não destruirão repetidamente o homem por quem ela está orando. Os pais precisam determinar que a correção nunca se tornará condenação sobre seus filhos. Os líderes precisam recusar-se a usar a autoridade espiritual para proteger seu ego. Os membros da igreja precisam rejeitar a tentação de transformar ofensas pessoais em divisão pública.

Cada pessoa na casa tem responsabilidade pelo som da casa.

Podemos não controlar o que todos os outros dizem, mas podemos entregar nossas próprias vozes. Podemos não conseguir curar cada relacionamento imediatamente, mas podemos nos recusar a aprofundar suas feridas. Podemos não resolver toda discordância hoje, mas podemos decidir que a discordância não nos transformará em inimigos.

Jesus Ainda É o Homem Mais Forte

A esperança deste estudo não repousa em nossa capacidade de criar um acordo perfeito. A disciplina humana sozinha não pode curar toda ferida, purificar todo motivo, ou restaurar todo relacionamento. Nossa esperança está no mesmo lugar onde o milagre de Mateus 12 começou: Jesus entrou na casa.

Ou como alguém pode entrar na casa do homem forte e levar os seus bens sem antes amarrá-lo? Só então poderá roubar a casa dele.

Mateus 12:29, NVI

O inimigo pode ter ganhado influência por meio da ofensa, da acusação, da suspeita, do orgulho, da competição ou da dor não resolvida, mas nenhuma dessas forças é mais forte do que Jesus Cristo.

Jesus é mais forte do que as palavras ditas com raiva.

Jesus é mais forte do que as feridas que permaneceram sem tratamento por anos.

Jesus é mais forte do que a ofensa que dividiu uma família.

Jesus é mais forte do que o orgulho que impediu um pedido de desculpas.

Jesus é mais forte do que a suspeita que envenenou a confiança.

Jesus é mais forte do que a competição que enfraqueceu um ministério.

Jesus é mais forte do que toda estratégia projetada para virar o povo de Deus uns contra os outros.

Quando Jesus se torna Senhor da casa, a visão pode ser restaurada. Ele nos capacita a ver as pessoas através da possibilidade da redenção, e não apenas através do registro de seus fracassos. Quando Jesus se torna Senhor da voz, a acusação pode se tornar intercessão. Quando Jesus se torna Senhor de nossos dons, a competição pode se tornar cooperação. Quando Jesus se torna maior do que nossas preferências individuais, muitas vozes podem se tornar um só som.

A resposta para a divisão não é apenas uma comunicação melhor. A comunicação é necessária, mas as pessoas podem se comunicar claramente enquanto permanecem controladas pelo orgulho. A resposta é a entrega a Jesus. Quando os corações se submetem a Ele, a comunicação pode se tornar verdadeira, humilde, corajosa e redentora.

Jesus precisa se tornar maior do que a ofensa.

Jesus precisa se tornar maior do que a necessidade de ter razão.

Jesus precisa se tornar maior do que o desejo de ser reconhecido.

Jesus precisa se tornar maior do que o medo de ser mal compreendido.

Jesus precisa se tornar maior do que toda voz competindo pelo centro da casa.

Somente então nossas vozes poderão entrar em acordo ao redor dEle.

Que a Casa Se Torne Uma Só

O propósito final da unidade não é que todos admirem o quanto nos damos bem. Jesus orou pela unidade de Seus seguidores para que o mundo cresça. Nossa unidade faz parte de nosso testemunho. Quando pessoas de diferentes culturas, gerações, histórias, personalidades e experiências se reúnem sob o senhorio de Jesus, o mundo vê evidência de um reino mais poderoso do que a divisão humana.

Uma igreja unificada declara que o sangue de Jesus é mais forte do que as barreiras que separam as pessoas.

Uma família que ora declara que a dor não determinará seu legado.

Um casamento restaurado declara que a misericórdia pode reconstruir o que a ofensa tentou destruir.

Um crente que se recusa a acusar declara que o inimigo não controlará sua voz.

Um líder que celebra os dons dos outros declara que o propósito é maior do que a posição.

Uma pessoa ferida que escolhe interceder declara que o sofrimento não se reproduzirá através dela.

É assim que a casa começa a permanecer de pé.

Ela permanece de pé quando a verdade e o amor entram em acordo. Ela permanece de pé quando a humildade se torna mais forte do que o orgulho. Ela permanece de pé quando o perdão interrompe o ciclo de retaliação. Ela permanece de pé quando conversas difíceis buscam a restauração em vez da vitória. Ela permanece de pé quando as pessoas param de se reunir em torno de reclamações e começam a se reunir em torno da bondade e da misericórdia de Deus.

A casa não se torna uma porque todos são perfeitos. Ela se torna uma porque pessoas imperfeitas continuamente se entregam a um Salvador perfeito.

Chegou o momento de nossas vozes concordarem com o que Jesus está construindo.

Que a oração se torne mais alta do que a crítica.

Que a intercessão se torne mais forte do que a acusação.

Que o propósito se torne maior do que a posição.

Que a gratidão se torne maior do que a reclamação.

Que a misericórdia se torne maior do que o registro do fracasso.

Que Jesus se torne maior do que tudo o que tentou dividir a casa.

O inimigo desejava o silêncio, mas Jesus restaurou a voz. O inimigo tentou corromper o som, mas Jesus está curando o coração. O inimigo desejava uma casa dividida, mas Deus está chamando Seu povo a se tornar um só.

Não seremos cegos à estratégia.

Não permaneceremos em silêncio na batalha.

Não permitiremos que nossas vozes sejam usadas para a divisão.

Veremos o que Deus está restaurando. Falaremos em acordo com Seu propósito. Carregaremos os fardos uns dos outros, protegeremos a atmosfera da casa, e declararemos juntos que o Senhor é bom e Sua misericórdia dura para sempre.

Que as muitas vozes se tornem um só som.

Que o coração dividido se torne entregue.

Que a voz ferida se torne curada.

Que a casa se torne uma só.

E que a glória pertença a Jesus.
